

O CÉRVIX DA QUESTÃO | O amor dos objetos

Objectum Sexual é uma orientação sexual como qualquer outra. Por Clara Lobo

“Eu sou uma mulher; esta é uma ponte. E, apesar de nossas vastas diferenças, estamos verdadeiramente apaixonadas uma pela outra.” Essas palavras abrem o documentário *Married to the Eiffel Tower*, que retrata a vida de três mulheres que se apaixonam e mantêm relações amorosas e sexuais com objetos.

Hoje em dia, menos de 50 pessoas no mundo se identificam como *Objectum Sexuais*. A maioria esmagadora é feminina. Há pelo menos três homens trans (nascidos mulher), uma pessoa de gênero neutro (nascidx mulher) e dois homens biológicos. Estes últimos fazem parte de um subgrupo chamado *mechasexuals*, pois se relacionam apenas com objetos motorizados. Xs *Objectum Sexuais* amam desde objetos pequenos, como uma espada ou um arco, a arranha-céus e outras grandes construções. Não se trata de parafilia ou fetichismo; trata-se, antes, de uma relação amorosa entre duas partes, como as que existem entre humanos, em que o encontro se dá bilateralmente: há a mútua atração, a corte, o apaixonamento, a relação.

Assistindo ao documentário, não pude deixar de me encantar por duas das personagens retratadas: Erika Naisho e Amy Wolfe. Naisho – que se casou com a Torre Eiffel – foi abandonada pelos pais e possui uma história de múltiplos abusos sexuais na infância e adolescência. Amy tem o diagnóstico de síndrome de Asperger, uma forma de autismo de alta funcionalidade, e também passou por dificuldades familiares. As duas expressam sua afeição pelos objetos-amantes de forma absolutamente comovente.

Naisho fala sobre o muro de Berlim: “Sinto que ele foi criado, construído e depois rejeitado pelas pessoas que o fizeram. Sinto o mesmo sobre minha própria vida. Não entendo como algumas pessoas podem trazer alguém ao mundo – como uma criança ou um objeto – e não o amar. Como

Revista Geni

Geni é uma revista virtual independente sobre gênero, sexualidade e temas afins. Ela é pensada e editada por um coletivo de jornalistas, acadêmicxs, pesquisadorxs, artistas e militantes. Geni nasce do compromisso com valores libertários e com a luta pela igualdade e pela diferença. ISSN 2358-2618

<http://revistageni.org>

alguém pôde me trazer ao mundo e não me amar?”. A mãe de Amy afirma: “Ela acredita ter nascido assim, mas estou convencida de que tudo o que aconteceu em sua vida a fez ficar assim. Ela sabe que esses objetos não a machucarão, não retrucarão, não a ameaçarão. Ela se sente segura com eles”.

É fácil psicologizar: essas duas mulheres que, de alguma maneira, foram tratadas de forma desumana, *coisificadas*, resgatam seu amor e dão vida a objetos que, algum dia, foram sua única companhia, sua única proteção. Seria prova da incrível capacidade humana de amar, cega para todo tipo de preconceito: o objeto pode ser feminino ou masculino, velho ou novo, feito de madeira ou de concreto, estático ou móvel. No entanto, por mais que a explicação psicológica seja atraente, o que Amy, Naisho e as outras *Objectum Sexualls* afirmam é outra coisa: elas possuem uma orientação sexual muito rara, que a maior parte das pessoas não é capaz de entender por não saber enxergar “energia” ou alma nos objetos. “Ser O.S. não é diferente de ser homossexual. É algo que está no circuito de nossa mente desde o dia em que nascemos. Não é uma escolha, nem é algo que possa mudar ou ser consertado”, lê-se no site oficial da comunidade.

Orientação sexual ou não, é comovente ver como essas mulheres encontram o amor em locais onde nunca procuraríamos. Para se referirem a seus/suas amantes, elas usam pronomes femininos e masculinos, mesmo em inglês. Segundo Naisho, usar o *it* seria como negar-lhes sua

Revista Geni

Geni é uma revista virtual independente sobre gênero, sexualidade e temas afins. Ela é pensada e editada por um coletivo de jornalistas, acadêmicxs, pesquisadorxs, artistas e militantes. Geni nasce do compromisso com valores libertários e com a luta pela igualdade e pela diferença. ISSN 2358-2618

<http://revistageni.org>

atividade interna, sua alma; seria tratá-los como coisas, *things*.

Pode-se estimar que cerca de 30% a 40% das *Objectum Sexuals* possuam alguma forma de autismo e 20% tenham sofrido abusos sexuais na infância. Apesar de ser uma incidência muito alta quando comparada aos números da população em geral, a maior parte delas não se enquadra em nenhum dos dois casos. É importante notar também que, dentre as que foram molestadas, a maioria descreve a sua atração por objetos como anterior aos abusos sofridos.

Taxado de distúrbio psicológico e motivo de riso fácil, o amor dessas mulheres por suas/seus amantes é tão real quanto o seu, o meu, o nosso. Num mundo onde as relações humanas são tão complicadas e permeadas por tantas questões (e de tantas ordens!), confesso que invejo o sentimento profundo e puro de enlevo que essas relações trazem às *Objectum Sexuals*. E me faz pensar se não estamos perdendo alguma coisa no mundo, algo mágico e inefável, por não sabermos reconhecer o que essas mulheres acreditam ser óbvio: que objetos, longe de serem inanimados, são sujeitos, capazes também de amar.

Para maiores aprofundamentos, o site oficial da Objectum-Sexuality International: <http://objectum-sexuality.org>

Abaixo, o documentário no Youtube: